

A LITERATURA COMO EXPRESSÃO SOCIOCULTURAL: OBJETO ESTÉTICO E REALIDADE

SILVA JUNIOR, Rinaldo Barbosa da¹

ALMEIDA, Daiane Vithoft de²

RESUMO

A arte literária está ligada à questão social numa relação de influência mútua. E, para tanto, é de responsabilidade profissional desobstruir a concepção de que o convívio funcional com Literatura recorre ao entendimento da obra como subjetiva e distante. Os estudos da Crítica e Teoria literárias circunscrevem que elementos linguísticos e características das relações humanas contidas na produção atraem uma ótica sociocultural, que pode representar realidades e expressões nos pontos de vista e estéticas direcionadas. A importância destes fatores está na identidade histórico-cultural em transformação no mundo. No Brasil, alcançar as abordagens autorais de seu tempo é poder experimentar a Literatura como fonte primordial ao fornecer elementos substanciais à construção duma versão da verdade dos fatos com a prosa ou uma percepção imagética com a poesia. Portanto, permitir este remonte ao estudante de letras ou pesquisador competente, garantirá abertura de horizontes sobre possível fragmentação no processo de ensino, e, ainda, tornará estímulo para a busca de mais conhecimento, até porque, estas noções resultam num Direito Humano, tratado na BNCC, pela forte ligação com leitor e valorização do estudo literário que respeita as mais diversas expressões artísticas.

Palavras-chave: Literatura. História. Estudos Literários. Sociocultura. Estética.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo científico, referente ao senso de pesquisa bibliográfica, pondera acerca da Literatura, seus elementos linguísticos e características das relações humanas contidas nas obras, ainda que envolva subjetividade autoral, para refletir sobre expressão artística, orbitando contribuições de Antonio Candido e Gilberto Ferreira. Isto posto, reitera-se as análises históricas e sociais paralelamente aos conceitos teóricos esclarecedores a respeito dos gêneros textuais e cenário atual da educação, nesta modalidade, no Brasil.

Tendo em vista a noção de que a liberdade criativa ou a estrutura conceptiva

¹ Aluno do Curso de Letras Bacharelado do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso – 11/2020.

² Professora Orientadora do Centro Universitário Internacional UNINTER.

existente na intenção de se produzir uma obra literária no seu tempo histórico e em determinado contexto, pode levar, por vezes, o pensamento de que o autor sustentaria idealizações subjetivas somente a ele. Contudo, este problema conflituoso tem seu espaço na cientificidade metodológica que a crítica literária recorre, onde a Literatura é enxergada como objeto de estudo sob uma ótica sociocultural, e que ela pode representar realidades, mesmo por produções de autoria particular, esteticamente direcionada.

Em tese, este tema justifica-se pela identidade literária em transformação, estando, para Antonio Candido, inevitavelmente conectada ao real e concernente à manifestação da existência do próprio homem. Sendo assim, em ponderação acerca das características fundamentais que faz da literatura objeto estético tanto quanto expressão verossímil, atrai-se uma análise panorâmica sobre abordagens autorais mais destacáveis no campo da ficção e da poesia no decorrer da história. Não obstante, a razão social pela qual constitui-se o dever de um pesquisador na área de linguagens ou profissional na atuação intercomunicativa, é estabelecer diálogo sobre as dificuldades de entendimento até a absorção crítica de uma obra ou texto literário nas dependências do acervo bibliográfico acadêmico e do ensino escolar básico.

A fim de estimar o remonte do mundo sob a ótica do escritor de sua época e desconstruir alguns padrões confusos de aprendizagem veiculada, aborda-se, num primeiro momento, a convergência entre História e Literatura no campo das narrativas e “novo olhar sobre as fontes” pela visão da autora Pesavento; valor da literatura e interdisciplinaridade nos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais), além de um passeio pelas escolas literárias brasileiras. Num segundo momento, apresenta-se o Sistema Literário de Antonio Candido de maneira a situar o leitor sobre transfiguração estética, por conseguinte, as visões complementares de Afrânio Coutinho e Alfredo Bosi sobre a circunstância de objeto artístico. Num momento seguinte, faz-se uma explanação histórica a respeito dos elementos linguísticos e as características das relações humanas na forma e conteúdo em âmbitos poético e prosaico. Por fim, harmoniza-se os critérios metodológicos de aplicação desta pesquisa, pois percebe-se que o leitor desempenha um valoroso papel quando sua interpretação alcança o equilíbrio entre reconhecer o objeto estético e, pelo poder de sua expressão, aproximá-lo da realidade temporal.

2. LITERATURA E O “NOVO OLHAR SOBRE AS FONTES”

A Arte Literária tem seu aprecio cultural enriquecedor às sociedades desde suas primeiras concepções. Tida a escrita como matéria-prima, é pertencente aos mares da diversidade e complexidade universais, pois permite aos pesquisadores e historiadores mergulharem nas fontes mais amplas, repletas de significados e representações, incorporadas às produções de sua época. Quase como encontrar fertilidade reflexiva às circunstâncias de antigos padrões nas resoluções estéticas, é razoável considerar as perspectivas, quando, em análise, apontam-se diferentes modos de enxergar os fatos ou os objetos no mundo. Neste sentido, o cruzamento entre História e Literatura possibilita uma maior flexibilidade para se pensar nos vários elementos constituintes de uma provável expressão das características e relações socioculturais.

Por muito tempo a literatura foi considerada como objeto criado a partir de elementos fantasiosos, da imaginação do escritor e que não possuía os requisitos necessários de verdade e legitimidade para servir como aporte de explicação da realidade histórica onde esta era produzida, ou sobre a qual se referia. Outrora, percebe-se que a produção literária possui forte elo com o espaço, com o tempo e com as condições socioculturais de um contexto. Em tal grau, faz-se interessante referenciar a ficção *1984* (1948) de George Orwell e sua busca por demonstrar as angústias e preocupações geradas na população europeia do pós-2ª guerra, ou *Os Sertões* (1902) de Euclides da Cunha e sua intenção de captar as relações sociais de determinada conjuntura, ou alguma obra com estruturas narrativas mas sem intenções claras de “escrever história”, como os escritos de Jorge Amado no estado da Bahia.

A obra literária está associada ao seu tempo; assim, por mais que a mesma constitua-se parte do mundo, das criações humanas e transforme-se em relato crível de um determinado contexto histórico-social, a literatura, não só através da ficção, atrai reflexos das possíveis realidades existentes no momento da construção textual, ao passo de lidar com ações sonhadas, com sentimentos partilhados, com intermediação relativa às aspirações coletivas no *status quo*. Percebe-se, assim, que a possibilidade do acontecimento histórico é alargada, pois no campo imaginário não existem regras sociais a serem cumpridas e as ações acontecem independentemente das vivências do sujeito, figurando vazão aos anseios mais íntimos que, dessa forma, ampliam a dinâmica social concebida historicamente; por isso, no mundo imaginário da

Literatura, aquilo que está escrito é ou pode ser verdadeiro.

Para a autora Pesavento, no campo das narrativas literárias, o conceito de “novo olhar sobre as fontes” recai na representação das diversas identidades culturais contidas nas obras. Isso faz enriquecer o trabalho do pesquisador na busca por elucidação historiográfica, indicando que,

a ficção não seria [...] o avesso do real, mas uma outra forma de captá-la, onde os limites da criação e fantasia são mais amplos do que aqueles permitidos ao historiador [...]. Para o historiador a literatura continua a ser um documento ou fonte, mas o que há para ler nela é a representação que ela comporta [...] o que nela se resgata é a reapresentação do mundo que comporta a forma narrativa (PESAVENTO, 1995, pg. 117).

Essa percepção é, ainda, desenvolvida por diretrizes em documentações promovidas à educação, principalmente ao Ensino Médio, como é o caso dos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) em Orientações Educacionais Complementares: Linguagens, Códigos e suas Tecnologias (2002), que contemplam exemplos de interdisciplinaridade, ao inferir o conceito de literatura utilizado na esfera das ações públicas para o ensino básico. Em recorte, lê-se:

A Literatura, particularmente, além de sua específica constituição estética, é um campo riquíssimo para investigações históricas realizadas pelos estudantes, estimulados e orientados pelo professor, permitindo reencontrar o mundo sob a ótica do escritor de cada época e contexto cultural: Camões ou Machado de Assis; Cervantes ou Borges; Shakespeare ou Allan Poe; Goethe ou Thomas Mann; Molière ou Stendhal. Esse exercício com a literatura pode ser acompanhado de outros, com as artes plásticas ou a música, investigando as muitas linguagens de cada período (BRASIL, 2002, p. 19).

Expresso pelo documento, é evidente a intenção de articular que a estética permeia a construção literária. Entretanto, o texto dá destaque para a utilização da Literatura como espaço para investigação de aspectos históricos que representem determinado contexto social e cultural circunscrito pela obra. O trecho finaliza reiterando o valor da Literatura como adjuvante no ensino de História. Com isso, faz-se necessário esclarecer *texto* e *contexto* como artifícios não dicotômicos entre si, mas como formas de permanência cultural. Por isso mesmo, o texto de literatura é uma das dimensões culturais capazes de propiciar condições para o desenvolvimento do indivíduo. Pode ser instrumento e meio de ensino de muitas áreas do conhecimento e, claro, de outras ciências.

Diante disso, por que não revisitar os momentos da literatura brasileira em que

perceba-se um panorama das escolas e seus propósitos para com o texto e a sociedade? A importância dos movimentos literários — ou estéticos — está na proporção das manifestações artísticas e receptividade aliadas aos períodos de transição. Produções descritivas às condições geográficas do Brasil Colonial pelo século XVI, iniciaram os trabalhos. Séculos seguintes, mediante fervor religioso e prazeres renascentistas, a Poesia Barroca ganha força e nome próprio quando entendida pelo seu jogo verbal na linguagem ornamental e complexa. Tempos seguintes o Arcadismo reage a esta religiosidade fomentando valores harmônicos aos ambientes e temas com profunda integração do ser com a natureza. Mas foi no século XIX que a identidade nacional, desvinculada dos ideais europeus do *fazer literário*, com a chegada do Romantismo em três gerações: a Nacionalista, que atribuía ênfase ao índio, aos negros e à natureza brasileira; a Melancólica, que versava o individualismo como uma visão depressiva das coisas e fuga da realidade; e a Social, que, influenciada pelas modificações da sociedade como a Abolição da Escravatura e a Proclamação da República, houve luta pela liberdade e a crítica. É neste rumo do período romântico que o Naturalismo e o Realismo são alavancados, pois, substituindo o subjetivismo com linguagem mais simples e objetiva, que escritores viram na arte a função de educar e retratar a realidade. Os naturalistas, por exemplo, iam mais a fundo, uma vez que havia preferência por retratar as camadas mais baixas da sociedade, onde a maneira de agir das personagens era determinada pelo meio social e por sua hereditariedade. Com estas últimas três escolas, o gênero narrativo também garante sua legitimidade. A posteriori, a onda classicista retornou décadas seguintes com Parnasianismo e a recuperação do ideal formal, rejeitado pelo Romantismo, pois caracterizou-se pela expressão do Realismo na Poesia com exatidão das palavras, sem exageros sentimentais, com perfeição métrica clássica. Do mesmo modo e período, sabe-se que o Simbolismo também garantiu espaço na produção poética, recuperando certa associação com o escapismo e o sonho pela tentativa de unificar matéria e espírito por meio de uma arte que era pura sugestão, fluidez e musicalidade. Logo, a história se depararia com o Modernismo, ligando fatos políticos, econômicos e sociais contemporâneos a personagens marginalizados, ignorantes e oprimidos. E é sob as concepções de humanidade elevadas a níveis plurissignificativos em torno das manifestações literárias do século XX até a Contemporaneidade, que consolidaram-se as teorias e reflexões sobre a atividade do artista para com a sociedade moderna.

Na autoria, o estímulo à diferenciação de grupos promove a elaboração de

obras que modificam recursos de comunicação expressiva e que, portanto, delimitam e organizam o público. Como explica Paganini (2016), “há um jogo permanente de relação entre os três: o público dá sentido e realidade à obra, é o espelho onde o autor verifica a sua imagem refletida, atuando então como um elo entre autor e obra.” Dessa forma, faz-se necessário associar estas compreensões à abordagem tomada pelo sociólogo, crítico literário e autor de uma obra extensa, respeitada nas principais universidades do Brasil, Antonio Candido de Mello e Souza, que definirá a Literatura Brasileira como Sistema Literário — constituído de *autor*, *obra* e *público*.

3. A TRANSFIGURAÇÃO ESTÉTICA DO FENÔMENO CULTURAL

O retrospecto histórico de um Brasil produtor e consumidor de obras harmonicamente associadas ao seu tempo, fez a crítica literária debruçar os estudos acerca dos caminhos trilhados pelos autores no processo de suas concepções e fins promovidos pela expressão sociocultural. À vista disso, é com sentido de estímulo pela experiência interlocutora, que a literatura carece de um destinatário, um ser concreto, com planos vivenciais e olhar produzido por sua própria situação contextual, além da sensibilidade provocada por sua cultura. Esse defronte com a obra, abre, logo, um caminho de diversidade e diálogo que se manifesta com uma riqueza de ressonâncias. De acordo com Antonio Candido, a Literatura:

É um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vivem na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. [...] a obra de arte só está acabada no momento em que se repercute e atua, porque sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana. Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do seu processo, isto é, o seu efeito (CANDIDO, 1965, p. 77)

Dada contribuição teórica assegura a ideia de uma literatura que possa-se chamar de brasileira, pois, exige, necessariamente, a constituição desse “sistema literário” responsável por permitir que uma série de textos seja entendida e legitimada pelos leitores das obras.

Os estudos apontam que a arte literária está ligada à questão social numa relação de influência mútua. Ela é tida como um fenômeno de cultura. E sob esta linha de pensamento, integra-se os avanços da observância dos elementos estruturais e

estéticos que compõem a obra. Para Candido, a teoria vai além destes fatores quando a literatura, por ser manifestação da existência do próprio homem, torna-se elemento de formação que sensibiliza ao mesmo tempo em que permite a fruição estética. Dessa forma, a obra exerceria função humanizadora e, por isso, mereceria uma abordagem que ultrapassasse seus aspectos estruturais ou, simplesmente, estéticos. Por sua vez, é dignamente destacável as vertentes teóricas subsidiadas por entendimentos acrescentáveis à ampliação destes conhecimentos específicos.

Afrânio Coutinho, em *A Literatura no Brasil* (1955), apresenta a arte literária segundo duas possibilidades: a literatura como resultado de fatores históricos, sociais e culturais, com foco nos elementos extrínsecos à obra; e a literatura como manifestação estética que independe de fatores exteriores à obra. Se o primeiro conceito concorda com a perspectiva de Candido, o segundo se distancia dela ao destacar um ponto de vista mais aliado à compreensão dos mecanismos internos que caracterizam a Literatura como objeto artístico de valor estético em si. Assim, o estudo elaborado por Coutinho subentende os componentes estruturais como representantes do tempo e do espaço em que tal obra foi publicada.

A literatura é uma arte, a arte da palavra, é um produto da imaginação criadora, cujo meio específico é a palavra, e cuja finalidade é despertar no leitor ou ouvinte o prazer estético. Tem, portanto, um valor em si, e um objetivo, que não seria de comunicar ou servir de instrumento a outros valores — políticos, religiosos, morais, filosóficos. Dotada de uma composição específica, que elementos intrínsecos lhe fornecem, tem um desenvolvimento autônomo (COUTINHO, 1955, p. 71).

Assim como o autor, Alfredo Bosi também entende a literatura como arte, pautado pela compreensão de que a obra literária é construída com fins estéticos. No entanto, em sua obra mais famosa, *História Concisa da Literatura Brasileira* (1975), Bosi se apoia nestes aspectos intrínsecos para realizar a configuração da historiografia literária brasileira, contextualizando-as em seus períodos. Portanto, somado às questões específicas de sua formação crítica, Bosi deixa evidente o conceito de que a Literatura está na mediação entre a personalidade que motiva as experiências estéticas e as possibilidades que a sociedade e o meio impõem. Numa entrevista para a Revista de História da Biblioteca Nacional, em 2010, o autor indica:

Eu comecei a entender melhor certos vínculos fortes entre as letras e a sociedade, mas sem perder o enorme respeito que eu tinha por Croce, por aquela visão da literatura como expressão individual. A literatura tem algo muito ligado à pessoa. O marxismo dilui muitas vezes isso ao mostrar o escritor apenas como fruto de um contexto. Eu guardei muito dentro de mim aquilo que o Croce ensinava: olhar o texto como uma expressão pessoal, de uma vivência. O estilo como algo muito próprio dos indivíduos.” (SCARRONE, 2010, s. p.).

Com base nestes reflexos e recortes ornamentados por complementações às estruturas de uma relação orgânica da Literatura com a sociedade, pensa-se que a natureza humana está circunstanciada sob particularidades íntimas nas escolhas estéticas que o autor de seu tempo envolve sua obra, e que, porventura acabam gerando alguns arcabouços identificáveis da realidade interlocutora. São as profundidades, por vezes, não óbvias, que permitem as associações. Sob este raciocínio, revela-se uma contestação objetiva quanto a situacionalidade da obra em que a fantasia atinge um alto grau; leia-se *Harry Potter* e *O Senhor dos Anéis*. Outrora, fica evidente na verificação da autoria e uso dos elementos estéticos que as essencialidades humanas podem ser encontradas nas temáticas como amor, amizade, traição, maldade, classes, costumes, dialetos, entre outras. Ainda mais anterior às obras citadas, exemplifica-se *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, em que, apesar do tom fantasioso na condição “pós-morte”, descreve-se através das personagens o homem e a sociedade do século XIX, incluindo, neste senso das temáticas, adultério, falsidade, relacionamentos, entre outras. Ressalta-se que, apesar da escola realista e de Machado de Assis proporem a tentativa de mostrar a realidade tal qual como ela era, o fato de alguém finado contar sua história, não exclui a relação orgânica da obra com as circunstâncias sociais.

Pondera-se, deste modo, que a leitura é fundamental para a compreensão melhor da relação entre o interlocutor e o mundo. Uma vez que as produções têm valor nas diferentes perspectivas da realidade, elas transfiguram à reflexão, ao questionamento e, até mesmo, à desconstrução ou reconstrução de conceitos. Nota-se que, dadas acepções definidas, as diversas possibilidades que a *ficção* e a *poesia* transmutam no decorrer do tempo, são gêneros fontes para a pesquisa nos acervos contextuais e estéticos. A ficção, através da expressão detalhista, descritiva, linguisticamente verossímil e translucidamente cotidiana. A poesia, por meio da expressão lírica ou concreta, densa ou enxuta, filosoficamente simbólica e modernamente múltipla. Estes dois espectros elevam o pensamento acerca de como a literatura atinge, de fato, potencial vincutivo à história, estética e cultura.

4. FORMA E CONTEÚDO: UMA PROGRESSÃO HISTÓRICO-SOCIAL

As análises críticas com base em impressões da recepção, deram lugar ao posicionamento analítico do pesquisador no âmbito dos Estudos Literários. Nas buscas por se definir a literatura como uma categoria objetiva, algumas correntes teóricas esforçaram-se em investigar a forma linguística do texto, outras voltaram-se para os efeitos de sua relação com o leitor. Tido estes desenvolvimentos como parâmetros metodológicos, sabe-se que a dificuldade em delimitar a Literatura também está ligada a juízos de valor nela contidos que variam historicamente e relacionam-se com ideologias e normas sociais. A exemplo desta posição tem-se o fato da observância de um leitor de quinze anos não ser a mesma de quando tiver cinquenta anos, perante um poema de Drummond. Sendo assim, o texto age em determinadas características para indeterminadas interpretações, ou seja, a *forma* e o *conteúdo* assumem aspectos importantes na constituição do Sistema Literário e força de sua expressão cultural em transformação.

Cronologicamente, os alinhos históricos dos Estudos Literários voltaram-se para: o Formalismo “Russo” (1920), com os trabalhos de um grupo de críticos que rejeitavam teorias consideradas místicas e subjetivas, unindo realidade material ao texto literário pelo uso da linguagem; depois, a Nova Crítica Americana (1930-1950), com o rigor e objetivismo ao concentrarem-se em desenvolver uma análise que tomasse o poema como autossuficiente, sólido e material; anos seguintes, o Estruturalismo “Francês” (1960), com a rejeição por quaisquer fatores externos ao texto, importando-se com os significados internos e suas estruturas relacionadas; até a chegada das Abordagens Sociológicas, tempos adiante, vide percepções de relação entre texto e realidade possível da ficção verossímil à representação de ações humanas pela linguagem poética. Trata-se, mediante este breve panorama, que, conforme avançam as pesquisas, é plausível conceber categoricamente que o *externo* dialoga com o *interno*.

4.1 O ÂMBITO DA POESIA

Após a poesia epopeica de Homero — tida como fundamentação social da civilização grega —, o Gênero Lírico marca seu surgimento vinculado à música, por isso, as composições sonorizadas da tradição clássica têm um formato mais ou menos

fixo, de modo a permitir que o processo de declamação ou canto fosse acompanhado da *lira* como instrumento comum às apresentações nos espaços públicos. Não demorou para que o teatro viesse adjunto com as Tragédias, até o momento em que os primeiros filósofos buscaram explicar a natureza das coisas por volta do século V a.c. Este pensamento racional permeou as contribuições de Sócrates e Platão sobre como se encontra a felicidade que está na verdade e não nos mitos, alcançando tal verdade ocultada pelo mundo das aparências. Logo, a poesia tornou-se educadora da Grécia e poetas usavam de seus versos como veículos de ensinamentos morais; e é a partir de discursos filosóficos e históricos, que esse gênero cada vez mais tendia para o artifício estético em si, ao mesmo tempo que demandava-se entender o texto como obra poética quanto os efeitos da literatura no ser humano.

Uma forma clássica de estrutura fixa, sonoramente ritmada e com maior recorrência na modernidade mundial é o Soneto. Como referência desta vertente literária, já no século XVI, lê-se o poeta português Luís Vaz de Camões. E não só seus sonetos, mas suas épicas publicadas, leva-se a pensá-lo em exemplo de como a poesia se qualifica na relação com seu interlocutor. Logo, o conceito de *Eu Lírico* apreende as características mais destacáveis em consenso nos estudos; ele é a criação de vozes artisticamente configuradas para expressão de emoções, sentimentos e experiências que não são necessariamente experiências pessoais do *Autor Empírico* — pessoa de carne e osso, que existiu ou existe em realidade social e coletiva —, além de poder representar quem irá ler o texto.

De sentidos diversos nas diferentes estéticas no decorrer da História, a arte poética cresce com as transformações. Quando o poema passa a ser unidade de sentido próprio, houve o desprendimento corajoso das formas fixas, pelos poetas contemporâneos. O conteúdo transcenderia abordagens convencionais e não menos figurativos, tampouco menos representativos linguisticamente. Neste sentido, ao ter relacionado recursos técnicos do poema às mudanças de perspectiva filosófica sobre a realidade, Antonio Candido irá apontar que:

O poeta mais eficaz é o que consegue tratar o elemento intelectual como se pudesse ser sensorialmente traduzido, e não abstratamente expresso. Os elementos abstratos são legítimos quando aparecem transpostos para o mundo das formas (...). Explico-me: mesmo tratando-se de um poeta filósofico, a eficácia poética do pensamento não é devida à coerência interna deste, nem à sua verdade em si, mas à sua tradução em um sistema adequado de palavras que deem a impressão de experiência, vivida, sentida, palpável, e não de um raciocínio (CANDIDO 2004, p. 107).

Aqui, comprova-se a necessidade do leitor-pesquisador compreender um poema a partir de sua concretude, visto que a métrica, o ritmo, o tipo de vocábulo empregado, são capazes de elucidar a leitura de quem propõe-se analisar o texto poético bem com tratar de sua qualificação sociocultural.

4.2 O ÂMBITO DA PROSA

A Narratologia é uma vertente da teoria literária que estuda as categorias constitutivas da *narrativa* — componente modernamente conceituado por linguagem verbal, experiência humana e tradição literária. Nesta modalidade, a função analítica fraciona categorias separadamente e que funcionam integradas ao todo; são elas: Tempo, como período que assinala o percurso cronológico que vai do início ao fim da história; Espaço, como condição da prosa em ser arte espacial, onde as personagens circulam e as ações acontecem; Enredo, como a rede de situações que personagens vivem, fazem ou sofrem; Personagem, como criações *planas* ou previsíveis, *redondas* ou não previsíveis e *esféricas* ou capazes de surpreender; então, Narrador, como componente decisivo e de alta complexidade na narrativa, possível de identificá-lo ou não.

O texto em prosa, seja romance, novela, conto, crônica, difere em estética da poesia, mas sustenta tantos sentidos quanto, pois, marcas de intencionalidade e referencial são espécies de acordo entre autor e leitor, um contrato de crença ou suspensão da mesma. O Romance Moderno tem seu início localizado nos fins do século XVIII, e os gêneros clássicos tiveram novo alento na mesma época, com o iluminismo. Um século seguinte, como salientado no segundo tópico deste presente artigo, as escolas realista e naturalista evidenciaram as categorias da Narratologia em circunstâncias íntegras, ora representações socioculturais de sua época. Perguntado sobre o desafio de analisar profundamente a obra de Machado de Assis em entrevista para a Revista Fapesp, Alfredo Bosi disse:

As personagens machadianas não são homogêneas, isto é, não convém ler a ficção de Machado de Assis como se fosse apenas uma galeria de figuras típicas, de personagens que representariam o espelho da vida social brasileira da segunda metade do século 19. Essa leitura estritamente sociológica da obra de Machado é uma leitura unilateral. Por quê? Se, de um lado, ele foi de fato um agudo observador da nossa estrutura social assimétrica, em que

havia os que mandavam, os que podiam e aqueles que viviam de favor, os agregados; se é verdade que Machado de Assis foi um leitor das diferenças sociais, de outro lado ele viu por dentro aquilo que a sociologia da literatura costuma ver por fora, como tipos cristalizados da sociedade. [...] A sutileza da obra de Machado vem de mostrar que dentro de cada classe social há pessoas diferenciadas (BOSI, 2003).

Entende-se, conclusivamente, diante dos Estudos Literários, que elementos linguísticos e características das relações humanas na *forma* e *conteúdo*, são provedores de interpretações esclarecedoras a respeito de estética e simbolismo, cultura e subjetividade. Por isso, com atenção à trajetória dos valores históricos, o alcance deste senso crítico advém essencialmente pela leitura.

5. METODOLOGIA: INTERPRETAÇÃO ALCANÇADA PELO EQUILÍBRIO

A pesquisa "*Concepções dos professores sobre o ensino de literatura: a perspectiva docente*", de 2015, realizado por alunos do curso Letras da Universidade Norte do Paraná (Unopar), procurou averiguar o juízo dos professores de Literatura e Língua Portuguesa quanto ao ensino do texto literário no Brasil em municípios, desde Uruaiana, no Rio Grande do Sul, até Feijó, no Acre. Com a aplicação de questionários a docentes atuantes tanto na Educação Infantil quanto no ensino Fundamental e Médio, pôde-se ratificar a liberdade que os respondentes tinham de exprimirem-se de acordo com sua vontade, sua consciência e sua natureza. Logo, destacou-se a questão da verossimilhança, que se revelaria nas perspectivas que envolvem a capacidade da leitura literária "moldar a maneira de ver o mundo". Já no cômputo geral, as respostas dos professores revelaram uma perspectiva bastante ampla na conceituação da Literatura, pois, foi pertinente a compreensão de que diferentes procedimentos expressivos como a *música* e o *teatro*, estão interconectados pela subjetividade que os caracterizam. Na simples indicação de que "o aluno identifica aspectos da história e os relaciona à realidade em que vive", foram reconhecidas metodologias que apoiam-se na leitura para o tratamento de temas do cotidiano. Desse modo, a leitura figuraria como atividade que permite a exposição de temas, pontos de vista e ambientações múltiplas, capazes de promover o aprendizado interdisciplinar.

Entretanto, nos tempos atuais, o ensino de literatura no Brasil permanece precário. A ações escolares com didatismos ultrapassados e algumas concepções são responsáveis por afugentar os leitores, principalmente os jovens, da familiaridade com

outras formas de consumo eficaz. Para desmistificar certas teorias que, se não contribuem para formação de leitores indiferentes em relação às maneiras de apropriação do discurso literário, é necessário quebrantar certas barreiras com projetos e idealizações culturais a proverem políticas públicas, principalmente às esferas sociais que mais resistem com a falta de propósito na educação escolar, vide cenário da desigualdade no país. De acordo com o módulo Educação, da PNAD Contínua³, divulgado pelo IBGE, das 50 milhões de pessoas de 14 a 29 anos do país, 20,2% (ou 10,1 milhões) não completaram alguma das etapas da educação básica, seja por terem abandonado a escola, seja por nunca a terem frequentado. Desse total, 71,7% eram pretos ou pardos.

A ideia de que a Literatura é representação simbólica, repleta de mistérios e dificultosa de desvendamento, cerceia uma clausura na concepção que a pressupõe como um produto moldado e de sentido “pronto”. Esta estimativa tem sido empasse considerável para o ensino, porque afeta diretamente na falta de intervenções culturais, de incentivo à criticidade e de exercícios estéticos preocupados com a língua materna bem desenvolvida nos atos de leitura. Por ora, apesar de não ser delimitada como um componente curricular específico, a literatura está presente na Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Nela, a cientificidade e a importância dos estudos literários aparecem em vários aspectos do documento que determina o essencial para o Ensino Básico brasileiro em dez competências gerais. A terceira, por sinal, diz respeito ao repertório cultural, envolvendo o lugar da escola que precisaria: “valorizar e fruir as diversas manifestações artísticas e culturais, das locais às mundiais, e também participar de práticas diversificadas da produção artístico-cultural.”

Enquanto critério de utilização metodológica desta pesquisa bibliográfica às esferas do Ensino Superior, é ressoante tratar-se dos trabalhos desempenhados pela crítica acadêmica à compreensão do objeto literário e seu papel na difícil conceituação da Literatura. Fazer uso de pesquisas complementares é um grande desafio para profissional — ou estudante da área de linguagens e sociedade com afluência em Literatura Clássica ou Moderna — quando ocorrem as tentativas de proporcionar transcendência da teoria, ao subentender-se que a arte oferece uma grande contribuição. Logo, para equilibrar Literatura como obra de arte, não basta ensinar a reconhecer as

³ Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/poesia-como-resposta-a-opressao/>>. Acesso em 31 de agosto de 2020.

letras para formar um leitor, ensinar a ler é desmistificar alguns conceitos, romper paradigmas que fragmentam a interação e, conseqüentemente, desvinculam o indivíduo de sua cultura. Se, assim, experimentado, é possível encontrar na comunicação didática acadêmica alguma desconstrução provocativa que colocaria a Literatura como aporte à realidade por convenções estéticas identificáveis na pesquisa histórico-cultural. E tendo em vista a finalidade da intervenção social em questão, é proveitoso poder alcançar as interpretações pela temporalidade para que o desenvolvimento teórico constituinte de quaisquer gêneros (ou mesmo do Sistema Literário) sejam como traços norteadores às suas transposições.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme os segmentos conceituais apresentados e as teorias abordadas neste presente artigo, buscou-se a reflexão sobre como encontrar nas bases históricas da Literatura — mundial e brasileira —, o fenômeno das representações socioculturais de sua época junto às linguagens que a estética permite expressar. Com isso, a presente pesquisa bibliográfica traz potencialidade dialógica para contribuir com a aquisição ou complemento do importante valor que observa-se nas análises literárias tão somente agregadoras ao estudante. Cada contribuição explanada, mesmo que por subdivisões dos panoramas, transfere a intenção de situar aguçamento do pensamento crítico ao propor esclarecimentos que pedem munir a vida leitora de verificação contextual e formalística da obra, indo além da fruição. Rumos transformadores dos esforços advêm da atividade reflexivo-criativa, pois, o estudo da consciência estimulante pela experiência, demonstram processos investigativos da subjetividade, indispensável para todos aspectos da existência. Sob este propósito, destacou-se a pretensão de reconhecer o cenário dos profissionais e seus trabalhos com a Literatura aliada à historiografia marcante e cultura expressiva.

Em fundamento, estabeleceu-se que a formação do Sistema Literário pelas manifestações e movimentos artísticos brasileiros abordados na pesquisa, expõe assuntos relativos às criações textuais como simbolismo de comunicação inter-humana. Antonio Candido considerava imprescindível a leitura para se pensar a própria obra e suas raízes profundas em legitimação equilibrada. Diante disso, a verdadeira dimensão desta receptividade está na estética como objeto de estudo. Logo, essas classifi-

cações, linguisticamente interligadas, aliam *forma* e *conteúdo* como definições inestimáveis à ampliação das interpretações interlocutoras. Por isso, a manipulação de uma temática como esta, decodificaria a proporção do envolvimento entre composição e realidade, quando reforçar-se-ia que a teoria foi acumulando tópicos que hoje são úteis para pensar-se sobre as obras, sem que isso venha restringir sequer o texto ou a teoria em si.

Cabe relacionar estes termos à esfera da atuação profissional, pois envolve a capacidade do educador, do analista, do pesquisador, de permitirem-se tratar particularidades literárias com interação produtiva e descobertas constantes para a transmissão efetiva dos seus conhecimentos. Sabe-se das dificuldades enfrentadas por muitos quando se preocupam em desconstruir estratégias fragmentadas normalizadas pelo sistema, mas, com o empenho necessário, as pesquisas e o ensino de Literatura poderão acometer o fortalecimento de sentimentos como a empatia e a solidariedade, além de prover reinvenções e questionamentos sobre o eu e o mundo. A partir do momento que o acesso aos livros de prosa ou poesia que aproximam-se da realidade ou contam uma contextualização possível de um leitor e sua cultura histórica, prevalecerá sentido e expectativa com a experiência.

Por todo o exposto, avigora-se que um texto de literatura propicia ações genuínas que não são facilmente encontradas em outros gêneros: a incitação às emoções, sentimentos e ideias. Ao pesquisador, reflete-se que a Literatura, como arte e informação, constitui um Direito Humano, não à toa aparece na BNCC fortemente associada ao leitor que compreende o valor do estudo literário e respeita as mais diversas manifestações artísticas.

7. REFERÊNCIAS

FOGAL, Alex Alves. **O Método Crítico de Antonio Candido e a Análise da Forma Poética**. Via Atlântica-SP, p. 21-22. 2019. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/154614>>. Acesso em: 01 de setembro de 2020.

GAMA, Rinaldo. **Alfredo Bosi: Poesia como Resposta à Opressão**. Art. Pesquisa FAPESP. Disponível em: <<https://revistapesquisa.fapesp.br/poesia-como-resposta-a-opressao/>>. Acesso em 31 de agosto de 2020.

JUNIOR, Gilberto Ferreira Sena. **Realidade Versus Ficção: A Literatura Como Fonte Para a Escrita da História**. Feira de Santana-BA. Disponível em: <<https://www.historia.uff.br/estadoepoder/6snepc/GT13/GT13-GILBERTO.pdf>>.

Acesso em: 28 de agosto de 2020.

PAGANINI, Martanézia Rodrigues. **Literatura e Representação da Identidade Cultural: Reflexão sobre o ensino de leitura na sociedade da representação**. UF Espírito Santo, p. 1-6. Disponível em: <http://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem11pdf/sm11ss12_05.pdf>. Acesso em: 10 de setembro de 2020.

PAULA, Laura de Silveira. **Teoria da Literatura** – Ser. Literatura em Foco. 1ª ed. Curitiba: Intersaberes, 2012.

ROLIM, Anderson Teixeira; SANFELICI, Aline de Mello. **A Literatura na Perspectiva de Professores do Ensino Fundamental**. Presidente Prudente-SP, p. 246-264. 2015. Disponível em: <<https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/3681>>. Acesso em: 27 de agosto de 2020.

SEREZA, Haroldo Ceravolo. **A Literatura como Sistema**. Art. Pesquisa FAPESP. Disponível em <<https://revistapesquisa.fapesp.br/a-literatura-como-sistema/>>. Acesso em 31 de agosto de 2020.

THADEU, Victor. **Como a Literatura Aparece na BNCC?** Art. E-docente. Disponível em: <<https://edocente.com.br/literatura-bncc/>>. Acesso em: 08 de setembro de 2020.